

O USO DAS ARTES COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE EM SOCIOLOGIA

Lucianne Duque¹
Bruno Mello Souza²

4

RESUMO

O objetivo desta investigação é compreender como a arte é utilizada como estratégia de ensino de Sociologia no ensino médio. Este artigo aborda os desafios do ensino de Sociologia manifestados pela falta de legitimação e consolidação da disciplina no currículo escolar, assim como as idas e vindas da Sociologia na grade curricular que contribuíram para que estes desafios surgissem. Dessa forma, discute-se a Sociologia da Arte como uma ferramenta que contribui para o ensino de Sociologia na educação básica, a fim de que a mesma consiga atingir a sua legitimação. A Sociologia da Arte toma os elementos artísticos como fatos sociais que podem ser interpretados. Tendo como base esse argumento, pode-se analisar os usos da arte para uma Sociologia mais inclusiva às realidades dos alunos.

Palavras-chave: Sociologia. Arte. Ensino de Sociologia. Legitimação.

THE USE OF ARTS AS A SOCIOLOGY TEACHING STRATEGY

ABSTRACT

The objective of this investigation is to understand how art is used as a strategy to teach Sociology in high school. This research studies the challenges of Sociology teaching manifested by the lack of legitimization and consolidation of the subject in the school curriculum, as well as the comings and goings of Sociology in the curriculum that contributed to these challenges. Thus, the Sociology of Art is discussed as a tool that contributes to the teaching of Sociology in basic education, so that it can achieve its legitimization. The Sociology of Art takes artistic elements as social facts that can be interpreted. Based on this argument, one can analyze the uses of art for a Sociology more inclusive to the students' realities.

Keywords: Sociology. Art. Teaching Sociology. Legitimation. Sociology more inclusive to the students' realities.

EL USO DE LAS ARTES COMO ESTRATEGIA DE ENSEÑANZA DE LA

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Piauí. Especialista em Ciência Política pela Faculdade Focus. Mestranda de Ciência Política pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: carvalholucianne7@gmail.com.

² Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Piauí, e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí. E-mail: brunosouza@cchl.uespi.br.

O USO DAS ARTES COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE EM SOCIOLOGIA

SOCIOLOGÍA

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es comprender cómo se utiliza el arte como estrategia de enseñanza de Sociología en la educación secundaria. Este artículo aborda los desafíos de la enseñanza de Sociología manifestados por la falta de legitimación y consolidación de la disciplina en el currículo escolar, así como los vaivenes de la Sociología en el plan de estudios que contribuyeron a la aparición de estos desafíos. De esta manera, se discute la Sociología del Arte como una herramienta que contribuya a la enseñanza de la Sociología en la educación básica, con el fin de que esta pueda alcanzar su legitimación. La Sociología del Arte considera los elementos artísticos como hechos sociales que pueden ser interpretados. Basándose en este argumento, se pueden analizar los usos del arte para una Sociología más inclusiva con las realidades de los alumnos.

Palabras-clave: Sociología. Arte. Enseñanza de la Sociología. Legitimación.

1 Introdução

A proposta do artigo em leitura é a de promover uma discussão das possibilidades metodológicas e a contribuição da arte no ensino de Sociologia no ensino médio. Para tal, faz-se necessário compreender como a arte é utilizada como estratégia de ensino de Sociologia no ensino médio buscando entender quais são os desafios do ensino de Sociologia no Ensino Médio, compreender como conhecimentos de Sociologia da Arte são usados na didática no Ensino Básico e compreender quais as possibilidades de aprendizado de conhecimento de mundo e específico de Sociologia a partir do seu ensino através da arte.

O grande campo de estudos sobre ensino de Sociologia é constituído por pesquisadores como Cristiano Bodart (2012), Amurabi Oliveira (2011), Helson Flávio Silva Sobrinho (2007). Estes autores buscaram compreender a realidade da Sociologia enquanto disciplina que conviveu com instabilidades quanto à presença no currículo. No governo Michel Temer, bem como no governo Bolsonaro, a educação de maneira geral tornou-se um campo que inspira cuidados, e a Sociologia, neste primeiro governo citado, teve sua ausência curricular proposta. No segundo governo, teve-se a troca – por quatro vezes – de ministros da Educação, bem como a ausência de ações que pudessem diminuir os problemas educacionais causados pela pandemia do novo coronavírus, como aponta matéria. A matéria afirma que o governo precisaria garantir “a expansão do tempo integral, conectividade e formação de professores, mas isso não aconteceu” (Gestão Bolsonaro, 2022). Neste quadro geral, este artigo pode contribuir demonstrando caminhos possíveis para que a Sociologia continue questionando os fatos sociais e para que a imagem, o cinema e as músicas não passem incólumes à visão dos estudantes. Por esse motivo, é possível construir um ensino da Sociologia interdisciplinar com as diversas

formas artísticas.

Ademais, cabe enfatizar que menos de 14% dos professores brasileiros que ministram a disciplina são formados adequadamente na área (Pesquisa, 2021). Tendo como base essas dificuldades, busca-se, a partir das reflexões propostas, oferecer um método de ensino da Sociologia cuja própria realidade dos discentes e docentes é levada em consideração na construção das aulas. O questionamento da realidade social pode ter maior eficácia se discutido a partir dos referenciais comunitários dos atores presentes na sala de aula.

Nessa perspectiva, discutiu-se a respeito dos sentidos de importância e/ou insignificância atribuídos por alunos à Sociologia (Silva Sobrinho, 2007). A fim de debater sobre novos métodos de ensino da Sociologia, buscou-se estabelecer um diálogo a partir de autores que estudam o uso de música no ensino da disciplina (Bodart, 2012) e o uso de filmes com a mesma finalidade (Martins, 2007). Além disso, construiu-se um debate a respeito da relação entre escola e modernidade, em que aquela é um dispositivo de controle de indivíduos (Oliveira, 2016).

2 Escola, modernidade e controle

Este tópico busca debater sobre o contexto geral em que a escola está inserida na contemporaneidade. Hodiernamente, vive-se um período com muitas inquietações que Anthony Giddens (2007) em seu “Mundo em descontrole” nomeou como modernidade e globalização e Stuart Hall (2006) considerou como pós-modernidade. Ambos os autores buscaram descrever como esse período contemporâneo fragmentou elementos sociais como classe, gênero, sexualidade e sociabilidade. Nesse sentido, buscamos compreender como a escola insere-se nesse contexto de mudanças.

Kaio Oliveira (2016) aborda a existência de um jogo de articulação. Quando o autor menciona esse jogo entre humanos, não humanos e dispositivos, ele está discutindo sobre “a escola enquanto dispositivo da ‘Constituição moderna’” explicando que o que ele chama de sujeito é resultado desse jogo de articulação mencionado (Oliveira, 2016, p. 27).

Os atores não-humanos são compostos pelos objetos que compõem o ambiente escolar como por exemplo, as paredes, filmes, *tablets*, *smartphones*, leitores digitais, lousa, giz, conexão à internet etc., além de estarem na escola como controle e disciplinamento. Todas essas características de não humanos agem mutuamente interferindo e influenciando o comportamento um do outro, redefinindo, assim, as realidades de troca do que são, ou seja, híbridos. Entre esses atores não-humanos temos a escola, que garante um disciplinamento dos

O USO DAS ARTES COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE EM SOCIOLOGIA

estudantes. Nesse aspecto, podemos pensar a escola como parte da modernidade, como discutiremos a seguir.

Uma das principais funções da escola é produzir subjetividades. Isso faz com que ela seja um dos mais importantes dispositivos da modernidade (Oliveira, 2016). As subjetividades são construídas nos vários âmbitos da vida das pessoas, seja na família, na escola, na religião, na arte ou no esporte. Nesse sentido, diferente das identidades, a subjetividade é uma construção que pode ser aprendida nesses espaços ou contrariar esses aprendizados (Guattari, 1992). Conforme Guattari e Rolnik (1996), a subjetividade é um processo de produção de sentido que é construído nas instâncias psíquicas das pessoas, mas também exteriores a essas instâncias, na socialização, por exemplo. Em consonância com Giddens (2008), podemos aprender através da socialização os modos de vida da nossa sociedade: neste sentido, a socialização é uma forma externa de construção da subjetividade. Alguns exemplos de identidades criadas a partir das já existentes pela escola são: a competição, uma vez que ela produz um sentido de que os alunos precisam disputar entre si; outro exemplo é a separação dos espaços. A sala torna-se o ambiente de aprendizado, enquanto o pátio é o ambiente de diversão. Nesse formato, o ambiente de alegria, de conversa com amigos, lanche e brincadeiras é visto como um espaço que não está destinado ao conhecimento (Prata, 2005; Oliveira, 2016).

Além disso, a escola distingue quem está dentro e quem está fora. As pessoas que estão sendo escolarizadas são consideradas distintas, inteligentes, reverenciáveis. Os sujeitos que estão fora da escola são sujeitos inferiorizados (Prata, 2005). É importante destacar que, tanto uma cisão interna como a separação de espaços de conhecimento e de não conhecimento, como cisão externa, caracterizada pela distinção entre pessoas que têm ou tiveram escolarização, são frutos de uma hierarquização produzida na modernidade através da razão. A razão torna-se, desde o Iluminismo, uma forma de diferenciar sujeito de objeto. Podemos ressaltar a diferença entre animais (considerados objetos) e humanos (considerados sujeitos); entre mulheres (objetificadas) e homens (sujeitos); entre razão e magia, etc.

Segundo Oliveira (2016, p. 28), a cisão entre sujeito e objeto provocada pela modernidade “acarreta a criação de abismos entre o social e a natureza” em que “propagam-se novas cisões: separação entre culturas (humanas) e técnicas (não-humanas)”. Nesse sentido, há opressão entre homens e mulheres, conhecimento e não-conhecimento, escolarizados e não-escolarizados, como mencionou-se anteriormente.

À medida em que a escola, como ferramenta moderna, separa realidades em inferiores e superiores (homens/mulheres; sujeito/objeto; cultos/incultos), ela serve como reconstrutora das relações entre os sujeitos, como afirma Aníbal Quijano (2009).

No decurso da evolução dessas características do poder actual foram-se configurando novas identidades sociais da colonialidade [...] E as relações intersubjectivas correspondentes, nas quais se foram fundindo as experiências do colonialismo e da colonialidade com as necessidades do capitalismo, foram-se configurando como um novo universo de relações intersubjectivas de dominação sob hegemonia eurocentrada. Esse específico universo é o que será depois denominado como a *modernidade* (Quijano, 2009, p. 74, grifo dos autores).

É importante ressaltar que, como afirma Kaio Oliveira (2016), a modernidade separa aquilo que é da sociedade e aquilo que é da natureza. Como exemplo, poderemos pensar em ratos, que fazem parte da natureza, e nos homens, que são apenas sociais para a visão da modernidade. O autor não considera que essa separação seja verdadeira. O processo de purificação também está presente no processo de hibridização: uma combinação entre o natural e o social. Todavia, esse processo de combinação faz parte da lógica moderna, pois separa o natural do social. A escola é encarregada, na modernidade, da separação entre o natural e o social, construindo muros entre aquilo que é ciência e aquilo que não o é. Esse estímulo produzido na escola produz várias dissimetrias como as que se exemplificou neste tópico. Nessesentido, Aníbal Quijano (2009) constata que a modernidade controla as relações entre indivíduos através do delineamento da forma de produção de conhecimentos, ou seja, a escolaincita a produção de conhecimento adquirida da Europa, no processo de colonialidade: a ciência positiva é a forma pela qual o conhecimento é validado. Não se vê um ancião da nossa sociedade ensinando, mas apenas a escola é percebida como local válido de produção de conhecimento. Essa forma de construção epistemológica produz dificuldades escolares, conforme descreve Oliveira:

[...] que marca a forte presença da “Constituição Moderna” discutida anteriormente nas relações sociais escolares é relatada pela autora quando diz “ficar no banco das atrasadas”, devido a dificuldade de aprender. Isso é um bom exemplo do processo disciplinador da modernidade presente na escola, instaurado pelo processo de disciplinamento e punição dos indivíduos como forma de fortalecer a ideia de dispositivo, que marcaram as representações dos tempos de escola da autora (Oliveira .2016, p. 40).

As listas de colocação de estudantes que fazem provas/simulados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo, são uma forma de controle que a escola apresenta. As pessoas são controladas pela escola através de *rankings* divulgados em murais das instituições escolares, que acirram os processos de disputa pelos melhores lugares. Como forma de meritocracia, o conhecimento é tido como alvo de disputas. Os alunos são colocados em disputa a partir de notas, o que favorece um aumento de poder a partir do conhecimento.

O USO DAS ARTES COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE EM SOCIOLOGIA

Em suma, este tópico analisou, a partir da concepção de Kaio Oliveira (2016), a localização da escola na modernidade. A argumentação de Oliveira (2016) refere-se à escola como uma instituição moderna, que constrói subjetividades. Estas, sendo formadas por sujeitos (humanos), mas também por outros atores, como a arquitetura (as cores, os desenhos, pinturas e ornamentações nas paredes escolares), as mídias digitais disponibilizadas aos alunos e aos professores e o disciplinamento. É fundamental recordar que as escolas têm papel importante na constituição de subjetividades não apenas ditando os padrões, mas também a partir das manifestações indisciplinadas dos alunos contra as regras. O disciplinamento moderno, de acordo com as ideias de Quijano (2009), constrói-se a partir das dominações eurocentradas. Na escola, essas dominações manifestam-se, conforme discutiu-se, na hierarquização dos estudantes frente às notas do ENEM através dos *rankings* escolares; a competição – que, por meio daqueles *rankings*, instiga o individualismo entre os estudantes – e a separação de espaços de dois modos: a) a sala de aula é considerada o ambiente de aprendizado, enquanto os ambientes de recreação são considerados como ambientes de diversão ignóbil; e b) a escola é a produtora de conhecimentos e os ambientes externos não o são. Portanto, a escola manifesta-se como construtora de conflitos e hierarquizações e de disciplinamento dos sujeitos que estão dentro e fora dos seus muros.

3 Os desafios do ensino de Sociologia

No âmbito da educação brasileira, percebe-se que existem muitos professores que lecionam Sociologia no ensino médio sem formação acadêmica nesta disciplina³. Nesse meandro, é importante compreender os conceitos de Silva Sobrinho (2007), Oliveira (2011) e Lennert e Lima (2012). Silva Sobrinho (2007) aborda o discurso de importância e/ou insignificância da Sociologia, e como isso aumentou a dificuldade de consolidação e legitimidade da disciplina. Por outro lado, Oliveira (2011) enfatiza que o problema de consolidação da Sociologia seriam as idas e vindas da mesma no currículo. Lennert e Lima (2012) já chamaram a atenção para a importância da realização de seminários, congressos e pesquisas acadêmicas para assim alcançar a legitimidade e consolidação da disciplina.

No Brasil, constata-se uma problemática crescente em relação ao ensino de Sociologia nos dias de hoje, uma vez que um dos principais contribuintes para isso é o fato de existirem professores sem formação acadêmica na área, o que intensifica o discurso de importância e/ou

³ Matéria da Universidade Federal do Ceará (UFC) intitulada “Pesquisa destaca docentes de Sociologia sem formação específica” (PESQUISA, 2021) afirma que apenas 13,9% dos professores que ministram aulas de Sociologia no ensino médio têm formação acadêmica adequada na área.

insignificância do ensino de Sociologia no ensino básico (Silva Sobrinho, 2007). Segundo Silva Sobrinho (2007), o preconceito dos alunos na sala de aula a respeito da disciplina fortaleceu-se, assim como a dificuldade de consolidação e legitimidade da Sociologia. Amurabi Oliveira (2011) considera que as idas e vindas da Sociologia no currículo escolar fragilizaram a sua legitimidade enquanto disciplina.

Com isso, percebe-se a necessidade do fortalecimento da disciplina, principalmente nas universidades. Segundo Ana Lúcia Lennert e Letícia Bezerra de Lima (2012), a legitimidade da Sociologia como disciplina escolar vem ganhando espaço a partir de seminários, congressos e com o crescimento de pesquisas acadêmicas, o que faz acreditar que com a insistência dessas pesquisas acadêmicas, o ensino de Sociologia na educação básica poderia ganhar mais notoriedade no currículo e também para os alunos. Amurabi Oliveira (2011) já apontava que o processo formativo de professores de Sociologia seria o início do problema de legitimidade do ensino de Sociologia.

Um debate contemporâneo remete à ideia de que o curso de Ciências Sociais prioriza as matérias de base em detrimento das matérias pedagógicas, fazendo assim com que a aprendizagem de como ministrar aulas acabe ficando defasada, prejudicando, assim, o ensino da Sociologia no ensino médio. Desse modo, cursos de licenciatura em Ciências Sociais, que deveriam priorizar as práticas pedagógicas, acabam ficando com um aspecto de bacharelado.

A dualidade entre bacharelado e licenciatura ocorre quando se estabelece uma ideia de diferença entre os dois criando uma hierarquia, ou seja, bacharelado como um curso elitizado com predominância de mestres e doutores e licenciatura como um curso inferiorizado com somente professores da educação básica. Essa dualidade entre pesquisa e ensino reflete no ensino da Sociologia da educação básica, uma vez que isso ocorre porque a Sociologia vem sofrendo variações no currículo escolar. Isso contribui para um ensino nas universidades com poucas matérias pedagógicas, fazendo com que os professores da educação básica não tenham didática próxima da realidade dos alunos para ensinar Sociologia de forma com que os mesmos aprendam os aspectos da sociedade pensando “fora da caixa”, como apresentando algo para além dos livros didáticos para explicar Sociologia, incluindo artes, psicologia, arquitetura, ou seja, instigar os alunos para o conhecimento sociológico de maneira didática.

Ana Lúcia Lennert e Letícia Bezerra de Lima (2012) já chamaram a atenção para aulas de Sociologia voltadas para um ensino de Sociologia interdisciplinar, utilizando as obras do pintor M. C. Escher, em uma oficina pedagógica com o objetivo de introduzir o conhecimento sociológico para os alunos, utilizando os recursos de estranhamento e desnaturalização, para análise das imagens na oficina. M. C. Escher é um artista gráfico especialista em xilogravuras

Hum Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 4 – 24 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

O USO DAS ARTES COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE EM SOCIOLOGIA

e litografia⁴. As obras dele remetem muito a uma arquitetura com diversas interpretações e também um teor confuso. A dinâmica foi realizada tomando como base o olhar sociológico dos alunos para as obras. O procedimento de estranhamento faz com que o aluno perceba diferentes interpretações em um fenômeno, por mais difícil que seja e podendo ser utilizado como objeto da Sociologia estudando suas causas, função social, influências sobre os indivíduos, etc. (Lennert e Lima, 2012).

Já o processo de desnaturalização ocorre quando o aluno se questiona sobre as noções ou explicações dos fenômenos sociais. A experiência de usar pinturas, utilizando os recursos de estranhamento e desnaturalização na oficina pedagógica, fez com que os alunos participassem ativamente durante a aula, percebendo assim, um valioso recurso didático para as aulas de Sociologia (Lennert e Lima, 2012).

Com base na observação de estágio curricular, viu-se que um desafio constante da Sociologia, principalmente das escolas públicas, é a falta de tópicos pré-definidos para cada assunto ministrado em sala de aula. Na escola particular – com base em experiências vivenciadas como aluna de escola privada – o ensino de Sociologia utiliza a base de conteúdo, além de recursos interdisciplinares para explicar a matéria; diferente da escola pública, onde são ensinados apenas o "tripé" da Sociologia e outros assuntos, mas de uma forma que os alunos não se interessem pela matéria e nem aprendam. Neste sentido, a defasagem da atenção do Estado às escolas públicas promove uma baixa atenção às mesmas.

As escolas empresariais garantem um código de conduta docente que acata a conduta empresarial. Conforme afirma Luíz Carlos de Freitas (2014), em seu artigo “Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola”, as escolas empresariais “operam na difusão de métodos tecnicistas e introduzem nas redes e escolas processos de gestão verticalizados que permitem elevar o grau de controle sobre os profissionais da educação” (idem, p. 1092). Além do controle sobre os professores, o controle de metas e objetivos demonstram uma adesão de grupos escolares privados a métricas a partir das quais a educação humanística, como o aprendizado de conteúdos ausentes em vestibulares, é posta em segundo plano. Como argumenta Freitas (2014), as escolas empresariais apresentam mecanismos (dos quais ressalta os testes avaliativos em larga escala) de controle e padronização do ensino e da aprendizagem. O autor afirma, sobre esses processos avaliativos informais, que “cria, em sala de aula, um histórico de juízos de valores que são definidores das possibilidades

⁴ Xilogravura é uma gravura feita em madeira, ou seja, é a prática de entalhar madeiras. Litografia significa imprimir sobre papel um desenho ou frases feitas com tinta em calcário ou metal por meio de prensa.

de progresso dos alunos, pois afetam as estratégias metodológicas seguidas pelo professor e a forma de envolvimento dos estudantes” (idem, p. 1097). Em suma, as escolas empresariais provocam métricas e hierarquias baseadas em empresas capitalistas em que os estudantes e professores são postos em posições altamente controladas e organizadas.

Muitas vezes, a defasagem na atenção e ministração de conteúdos ocorre porque o profissional não é formado na área, o que ocasiona mais um desafio para a Sociologia alcançar a sua consolidação e legitimidade enquanto matéria escolar (Lennert e Lima, 2012). O processo problemático de formação do licenciado em Sociologia pode conduzir a uma forma inadequada de ensinar a disciplina, como por exemplo não buscando outras maneiras de ensino além do livro. Com isso, a disciplina passa a ser insignificante para os alunos e a sociedade. Isso intensifica a dificuldade do processo de consolidação da disciplina no currículo escolar.

4 Tópicos de aprendizagem sobre arte e Ciências Sociais

Ao abordar os desafios da disciplina de Sociologia no ensino médio em relação à sua consolidação e legitimidade, é mister abordar também tópicos de aprendizagem sobre arte e Ciências Sociais, enfatizando as diversas formas de aprender Sociologia com as artes que serão apresentadas a seguir. Dessa forma, será desenvolvida uma reflexão sobre a presença da interdisciplinaridade no ensino desta disciplina na sala de aula ao usar música, cinema e outras artes, além de explanar aos alunos assuntos do dia-a-dia através desses tópicos.

4.1 A música no ensino das Ciências Sociais

Os desafios de ensino da Sociologia na educação básica são de diferentes tipos, como buscamos apresentar no tópico anterior. A superação desses desafios atravessa, entre outras possibilidades, o uso de artes no ensino das Ciências Sociais. A música pode ser utilizada como interdisciplinar à Sociologia, uma vez que, compreendendo a produção de sentido da mesma, podemos apreender sentidos que constituem a nossa sociedade. Em outras palavras, as músicas, se cuidadosamente escolhidas, podem fornecer críticas à realidade social ou um retrato desta, de modo que o professor busque fazer conexões com a crítica sociológica.

A disciplina ainda não está consolidada, além de não usufruir de professores formados na área da Sociologia. Esses dois desafios introduzem a necessidade do uso de letras de músicas nas aulas desta disciplina. Porém, é importante salientar que o uso de letras de músicas em sala

O USO DAS ARTES COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE EM SOCIOLOGIA

de aula deve ser cauteloso, uma vez que as aulas com utilização de músicas, principalmente compostas no passado, podem, sem querer, inclinarem-se para um teor histórico, geográfico ou filosófico (Bodart, 2012). Portanto, é necessário ter cautela quanto a análises de músicas compostas no passado, uma vez que “Identificar os fatos históricos contidos na letra da música não é realizar uma análise sociológica. Torna-se necessário compreender as estruturas sociais envolvidas [...]” (idem, p. 18).

Nesse contexto, essa fuga do aspecto sociológico da música analisada, principalmente do passado, para o histórico acontece devido a várias músicas serem analisadas na disciplina de História, além de remeterem a contextos vividos no passado, uma vez que esses atos são estudados nesta disciplina. Porém, o professor formado em Sociologia consegue através de recurso interdisciplinar analisar uma música em sala de aula sem fugir do contexto sociológico. Ao analisar uma música, o professor de Sociologia precisa considerar a relação entre a própria história, mas também o indivíduo e a sociedade, "buscando compreender a estrutura social que envolve o fenômeno descrito na letra da canção" (Bodart, 2012 p. 17). O autor também afirma que a música pode expressar pertencas às classes sociais, como por exemplo os *raps* que fazem questionamentos sociais. A sinalização à pertença social presente na música é um elemento importante que permite diferenciar a análise histórica e a análise sociológica (idem, p. 17).

A música Cálice, de Chico Buarque, pode ser tratada no primeiro momento como aspecto histórico da ditadura. No entanto, esse aspecto pode ser trazido à tona a partir do conceito de autoritarismo produzido no seio das Ciências Sociais. As letras podem revelar aspectos históricos como por exemplo no trecho em que o autor canta “como é difícil acordar calado se na calada da noite eu me dano. Quero lançar um grito desumano que é uma maneira de ser escutado.” (Chico Buarque, 1973). Nesse trecho, percebe-se um autoritarismo muito vigente causado pela Ditadura. Essa passagem da letra de Chico Buarque demonstra um fato histórico: a Ditadura. No entanto, é preciso estudar essa música em um contexto sociológico a partir do conceito de autoritarismo. Desse modo, podemos perceber que existe uma necessidade do professor se ater a não confundir Sociologia com História na análise de músicas produzidas no passado.

Atualmente, sabemos que na relação entre Sociologia e História não há limites que possam diferenciar claramente cada uma dessas disciplinas. Por existirem professores que não são da área de Sociologia ministrando aulas dessa disciplina, nota-se que quando há uma utilização de músicas por esses professores para explicar Sociologia, acontece essa fuga da disciplina para outras matérias como História e Geografia, ocasionando uma confusão nos alunos quando entram em contato com a Sociologia. O fato é que a utilização de músicas no

ensino de Sociologia pode ser muito importante, uma vez que analisar músicas pode entrar na realidade de qualquer aluno, além de ter um fácil acesso para os mesmos. De acordo com isso, André Comin e Leonice Mourad (2015) perceberam que a música é mais fácil de ser usada pelo fato de ser de baixo custo e poder ser usada por qualquer aluno, seja de escola pública ou particular.

Partindo da preocupação de Bodart (2012) em confundir História e Geografia com Sociologia, André Comin e Leonice Mourad (2015) chamam a atenção para o professor, ao utilizar músicas no ensino de Sociologia, cair em análises do senso comum devido à falta de fronteiras entre essas disciplinas e a Sociologia. Diante disso, há professores destas áreas ministrando aulas de Sociologia, ocasionando uma má interpretação dos conceitos sociológicos para os alunos que são prejudicados em sala de aula por não conhecerem a fundo as discussões pertinentes às Ciências Sociais.

Desse modo, as aulas de Sociologia ministradas por professores de outras áreas podem fazer com que o ensino dessa disciplina seja danificado, uma vez que as aulas passam a ser apenas expositivas, impedindo a interação do aluno e até o aprendizado do mesmo. Essas aulas expositivas, segundo Celso dos Santos Vasconcellos (2014), são apontadas a partir de professores que não são formados na área de Sociologia: por não saberem uma melhor forma de ensinar o conteúdo, eles acabam caindo nessa aula expositiva. Com isso, os alunos não irão aprender a gostar da disciplina de Sociologia e sairão da escola sem capacidade crítica para entender os distintos aspectos da sociedade.

Diante dessas questões preliminares apresentadas, buscamos compreender como a música pode ser utilizada de forma proveitosa para o ensino da Sociologia na educação básica. Como a música é de fácil acesso e tem um baixo custo para ser utilizada com alunos das escolas públicas e particulares, a mesma pode ter uma grande importância, já que esse recurso se encaixa na realidade de todos os alunos fazendo com que estes, através da música, possam entender sobre a sua própria realidade e assim poder desenvolver uma maior capacidade crítica diante da sociedade.

Isso se dá pelo fato de que, quando o professor de Sociologia utiliza recursos interdisciplinares na sala de aula para ensinar a disciplina, há uma maior interação de grande parte dos alunos, uma vez que os mesmos entram em contato com outros elementos cognitivos que estão além do livro, ou seja, a utilização de músicas que podem ser introduzidas nas aulas de Sociologia facilitando o aprendizado do aluno, além de uma maior interação dos mesmos.

As músicas produzidas no passado e atualmente podem ser utilizadas com diferentes visões da realidade social. Como afirma Cristiano Bodart (2012, p. 18), analisar as músicas

Hum Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 4 – 24 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

O USO DAS ARTES COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE EM SOCIOLOGIA

produzidas no passado produz o desafio de não limitar-se à perspectiva histórica, pois "identificar os fatos históricos contidos na letra da música não é realizar uma análise sociológica", mas é preciso "compreender as estruturas sociais envolvidas, assim como os padrões de comportamento socialmente construídos e mantidos". Em outras palavras, é fundamental que compreendamos as estruturas sociais e os padrões de comportamento das épocas em que foram compostas as músicas.

Por esse motivo, é preciso ter em mente que “o foco principal é a interpretação dos significados das letras das canções, mas o ritmo e outros aspectos das músicas podem e devem ser explorados para que os estudantes entendam não só os textos, mas também os contextos em que elas foram compostas” (Molin, 2020, p. 247). Esse foco exige uma interpretação de toda a realidade musical, da sua temporalidade, dos seus autores, da demanda social que pretendia explicar ou contrariar.

Nesse meandro, o diálogo entre as percepções de Molin (2020) e Bodart (2012) faz compreender que o período em que as músicas foram compostas pode servir de grande importância para a compreensão da Sociologia para os alunos, uma vez que além de compreenderem sobre a realidade social deles, analisando letras de músicas atuais, os mesmos também poderão entender através de músicas produzidas no passado, como seus antepassados viviam, pensavam e com que se preocupavam.

Em suma, é mister a percepção de que o ensino da Sociologia através da música pode ser utilizado para os alunos, seja de escola pública ou particular, por ser um recurso de fácil acesso. No entanto, esse ensino da Sociologia através da música pode se tornar um ensino direcionado às disciplinas de História, Geografia e Filosofia, pela falta de fronteiras entre essas matérias. Com isso, é notável que, para os alunos usufruírem de uma aula de Sociologia através da música, é necessário o professor se ater aos conceitos usados pelas Ciências Sociais para a análise das letras das músicas, a fim de que a aula seja totalmente direcionada para um sentido sociológico.

Diante disso, nota-se que o ensino de Sociologia através da música, pode ser um ótimo recurso interdisciplinar para os alunos, uma vez que os mesmos poderão entender sobre sua realidade de forma mais dinâmica, além de a disciplina ganhar mais espaço entre os alunos e toda a sociedade. Porém, esse ensino deve ser utilizado de forma que não fuja do aspecto sociológico, sendo assim, a música poderá ser uma boa forma de ensinar Sociologia para os alunos da educação básica.

4.2 Cinema no ensino das Ciências Sociais

O cinema é importante para o ensino da Sociologia porque abre um espaço de imaginação dos alunos com relação à sociedade de um modo que eles podem ver na “prática”, de modo ficcional, o que eles estão estudando. Filmes nacionais são importantes para serem expostos, pois demonstram a realidade mais próxima dos alunos. A utilização do cinema como recurso didático na educação básica pode vir a ser uma ótima estratégia de ensino da Sociologia no ensino médio, desde que a metodologia seja adequada para esse tipo de trabalho (Yashinishi, 2020).

Ao vermos um filme, compreendemos os comportamentos dos personagens, as visões de mundo deles, os valores que eles têm ou não, as identidades e ideologias daquela sociedade em que eles estão inseridos e podemos comparar com a sociedade em que se vivemos para verificar se é parecida, igual ou se não tem relação ao contexto fílmico (Martins, 2007). Para ilustrar essa afirmação, far-se-á uma análise de filmes que podem ser usados para reflexão sociológica: os filmes *Moonlight* (2016), que trata sobre o racismo e *Her* (2013), que reflete sobre a modernidade líquida.

Nesse sentido, em *Moonlight* podemos perceber questões sociais que podem ser comparadas à nossa sociedade. Este filme pode nos mostrar a interpretação da realidade das pessoas que vivem sob o racismo, homofobia e dependência de drogas ilícitas. O filme *Moonlight* mostra a escassez de privilégios que uma pessoa negra pode passar, abordando temas como crime, drogas, dependência, homofobia e principalmente racismo. O enredo é formado por duas personagens principais, Chiron e Juan, que se tornam amigos depois de o primeiro sofrer homofobia dos colegas da escola. Chiron não se comportava como os “valentões” da escola, e isso os incomodava muito, contribuindo para que a personagem sofresse diariamente homofobia mesmo não entendendo direito sobre sua identidade pelo fato de ser uma criança. Diante disso, ele conhece Juan, que se torna um pai que ele não tinha até então. Juan o ensina a como lidar com a homofobia lhe orientando de acordo com a linguagem da criança e também sobre racismo, o qual é muito bem abordado em uma cena em que Juan fala que quando ele estava tomando banho na praia à noite, uma mulher lhe abordou falando que ele ficava azul sob a luz do luar. Daí surgiu o nome do longa. Em relação ao racismo, podemos lembrar do caso de George Floyd⁵ e o quanto a nossa sociedade é racista. Segundo Moura:

^{4 5} George Floyd foi um homem negro assassinado em Minnesota, nos Estados Unidos. O caso deste assassinato causou grande indignação pois um policial branco cometeu o crime ajoelhando-se no pescoço de Floyd. A frase dita, em inglês, pela vítima “Não consigo respirar” repercutiu, pois, a força utilizada para imobilizar George Floyd foi desproporcional, dado que ele não estava armada e não apresentava resistência contra a polícia (Caso George Floyd, 2020).

O USO DAS ARTES COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE EM SOCIOLOGIA

[...] a forma de utilização da imagem nas aulas de Sociologia está vinculada à temática de determinado filme, fotografia ou vídeo. O racismo, as desigualdades sociais, [...], podem, segundo os professores entrevistados, ser percebidos e estudados num filme, numa imagem qualquer (Moura, 2011, p. 173).

O filme “Ela” (Her, 2013) pode ser utilizado voltando-se para os pensamentos de Bauman (2001) em relação à modernidade líquida e sobre como a sociedade está cada vez mais frenética tanto na tecnologia como também nas relações interpessoais. Um exemplo da utilização deste filme é sobre a fluidez das relações pós modernas, em que essa produção mostra uma pessoa que se apaixona por um sistema operacional, e isso demonstra muito sobre o amor líquido discutido por Bauman (2001), o que é muito importante ser debatido com os alunos para que haja um maior entendimento sobre essas realidades sociais e também para obter até um maior interesse nas aulas de Sociologia no ensino médio. Desse modo, Rachetti assinala que:

[...] uma ampliação na consciência crítica e uma possível participação nas mudanças que podem ocorrer no ambiente escolar, baseando na perspectiva de Martins, o filme pode reconstituir a realidade num dado contexto histórico e que destarte, seja um modo de compreender comportamentos, visões de mundo e ideologias em uma sociedade (Rachetti, 2016, p. 60, 61).

Recordando Martins (2007 apud Rachetti, 2016), o autor considera que a função social do filme é reconstituir a realidade em uma linguagem própria com o intuito de impactar o telespectador lhe causando desconforto. Ao abordar o filme de forma simples, assim como as pessoas já se veem e percebem a sociedade aos seus próprios olhos, o telespectador não irá reparar a mensagem que o autor quer passar. Desse modo, a mensagem terá que vir exagerada para as pessoas olharem a sua realidade com outras perspectivas antes não sentidas. Isso se explica pelo procedimento de estranhamento fazendo com que o espectador observe interpretações diferentes em um fenômeno (Lennert e Lima, 2012).

5 A sociologia da arte como ferramenta política

Em pesquisa de mestrado, Ricardo Santana (2013) estuda a Sociologia da arte e as suas questões estéticas. O autor ressalta que, “quando buscarmos um sentido para arte a problematizamos, e ao problematizá-la, geramos um discurso de valor compartilhado socialmente sobre elas”. Nesse aspecto, a arte é um discurso que constrói sentidos, seja por meio das esculturas, músicas, pinturas, grafite etc. Essas formas de construir sentido localizam a arte no âmago de questões sociológicas que ora abordaremos. O autor prossegue: “[...]”

justifica-se a reunião de determinadas obras em detrimento de outras em um museu, ou em um estudo crítico porque haveria, em certa medida, um julgamento ‘objetivo’ para aquela congregação” (Santana, 2013, p. 18). Partindo dessa ideia, é fundamental questionarmos (sobremaneira nas aulas de Sociologia) quais são as formas de hierarquização da arte. Além da questão estética, as artes estão repletas de estigmas, de origens sociais. Compartilhamos socialmente, segundo o autor, “um modo de olhar objetivo para com a arte”, criando discursos sobre ela (Santana, 2013, p. 18).

Os discursos sobre a arte podem advir, além dos setores acadêmicos, dos mercadológicos, do Estado e de instituições de arte, artistas e associações de artistas, curadores, colecionadores, etc. [...] Diante disso, o discurso da Sociologia da arte poder ser localizado como um dos discursos no interior desse campo da arte, assim, o mesmo entra em disputa/confronto com disciplinas que também produzem discursos sobre a arte, como as disciplinas voltadas à crítica de arte acadêmica (Santana, 2013, p. 18- 19).

Este comentário de Santana (2013) caracteriza a Sociologia da arte como apenas um dos atores sociais construtores de discursos sobre a arte. Nesse sentido, não apenas os usos da arte, mas também os usos da Sociologia da arte são fundamentais para que o/a professor/a de Sociologia construa seus planos de aula, escolha filmes, músicas e pinturas que questionem ou adiram à lógica burguesa etc. Nesse sentido, a Sociologia e a arte constroem discursos sobre a realidade que devem ser interpretados, estranhados e analisados em sala de aula. Nesse sentido, os níveis de consagração da arte (Bourdieu, 1996) estabelecem vínculos culturais e sociais de certas obras artísticas, sobre os quais debateremos adiante.

É possível observar diferentes formas artísticas com diferentes status de aclamação das pessoas. A música erudita, os filmes premiados em Hollywood ou músicas populares como o *rap*, filmes *blockbusters* (que têm grande apelo ao público, como filmes de heróis) têm diferentes graus de aclamação. As primeiras obras têm grande aceitação institucional da academia artística, que através de premiações formais, conhecidas mundialmente, acrescenta a certas obras artísticas um status elevado. Ao passo em que essas obras são premiadas, outras recebem aclamações populares, sem premiações da academia artística. A aclamação, ou na expressão bourdieusiana (Bourdieu, 1996), consagração, acontece em diferentes níveis de status e de importância para a indústria cultural. É fundamental que tomemos essas formas de consagração como ilustradoras do modo de vida difuso nas sociedades, como aponta o autor:

Às diferenças segundo o *grau de consagração* separam de fato *gerações artísticas*, definidas pelo intervalo, com frequência muito curto, por vezes apenas alguns anos, entre estilos de vida que se opõem como o ‘novo’ e o ‘antigo’, o original e o ‘ultrapassado’, dicotomias decisórias, muitas vezes

O USO DAS ARTES COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE EM SOCIOLOGIA

quase vazias, mas suficientes para classificar e fazer existir, pelo menor custo, grupos designados – mais do que definidos – por etiquetas destinadas a produzir as diferenças que pretendem enunciar (Bourdieu, 1996, p. 143).

Nesse sentido, o autor ressalta o caráter dicotômico e conflituoso das gerações artísticas que definem graus de consagração de acordo com vários elementos. Não há precisão em afirmar que os graus de consagração têm ligação apenas com o tempo novo ou antigo, mas esta é uma forma de classificação, de organização do status das artes. Além desta, podemos ressaltar também os significados construídos nos grupos, as classes sociais vinculadas aos tipos artísticos. Com isso, o cinema, por exemplo, passa por conflitos e graus de consagração.

Os graus de consagração consistem em formas de organização da importância atribuída a um tipo artístico. Bourdieu (1996) caracteriza a consagração institucional como a importância atribuída pela elite cultural, como por exemplo, o reconhecimento do Oscar, *Emmy*, *Grammy*, que são premiações do cinema, de televisão e música, respectivamente. A consagração carismática é o oposto da institucional, logo, é consumida por um maior número de pessoas, que é a massa. A consagração carismática é uma atribuição feita pela popularidade de algum meio artístico. Nesse sentido, pode-se ressaltar que há um conflito de sentidos, em que às artes são atribuídos diversos contornos de importância. Isso se define ao passo que é considerada, dessa forma, com base na antiguidade de determinada obra, como por exemplo, o reconhecimento da importância das obras cinematográficas de Stanley Kubrick e Alfred Hitchcock décadas após serem lançadas. Nesse caso, para Bourdieu (1996), quanto mais antiga a obra, mais importante ela vai ser. Diante disso, pode-se perceber que, apesar de a consagração institucional ser consumida apenas por um pequeno número de pessoas, ou seja, a elite, essas obras não terão muito lucro. Nesse caso, os tipos de obras de arte que estão incluídas nessa categoria para Bourdieu (1996) são as mais novas; desse modo, quanto mais jovem a obra, menos valor de consagração ela tem.

Por analogia, temos estilos artísticos consagrados popularmente como o *jazz*. Como vimos anteriormente, os sociólogos da arte não estão isentos de apresentarem discursos estéticos sobre a arte. Com base nisso, os sociólogos são atores sociais tanto quanto a academia artística, a indústria cinematográfica e fonográfica etc. No texto intitulado “Theodor Adorno e Eric Hobsbawm sobre o jazz”, o professor Luis Fridman (2020) aponta os conflitos presentes nos discursos desses sociólogos com respeito ao *jazz*. É mister acrescentar que os conflitos construídos a partir da discussão de Fridman (2020) delineiam particularidades dos dois autores mencionados no título do seu trabalho. Sobre Adorno, ele comenta:

Theodor Wiesengrund-Adorno nasceu em um ambiente musical. Sua mãe era

Hum Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 4 – 24 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

cantora lírica profissional, o que certamente influenciou seus estudos de composição com Alban Berg, autor de óperas e peças de câmara, vinculado à escola de pensamento musical de Viena, que tinha como expoentes Arnold Schoenberg e Anton Webern. Nos anos 1920, Adorno compôs obras para piano e quartetos de cordas e, inclinado às experiências de vanguarda, aproximou-se do atonalismo (Fridman, 2020, p. 494).

A biografia do sociólogo é fundamental para a análise de suas impressões sobre o *jazz*. Adorno é afiliado a uma família de músicos eruditos. Esta inclinação à música erudita o torna estranho à música popularizada com o *jazz*. O sociólogo Adorno, como a academia artística em Hollywood ou os críticos de cinema, de culinária, são construtores de discursos sobre arte. Os promotores da Sociologia não estão em um pedestal de onde vão proferir seus discursos acadêmicos, mas os discursos acadêmicos constituem o vasto universo de discursos. Nesse contexto, a Sociologia de Adorno é caracterizada pela crítica ao mercado que impulsionou o *jazz* como parte da indústria cultural e ao mesmo tempo, caracteriza esse estilo como conduzindo “à regressão da audição” (Fridman, 2020, p. 494).

De outro modo, Eric Hobsbawm assume uma postura diferente na crítica artística do *jazz*. O historiador considera o *jazz* como um fenômeno significativo na cultura no século XX, além de afirmar que mesmo fazendo parte da indústria fonográfica, este estilo musical é repleto de inovações e de resistências. Este estilo musical é proveniente de locais estigmatizados.

Tem-se notícia de que os *blues* já existiam em 1880, tocados em bares, bordéis, tabernas e casas de dança, para uma audiência de trabalhadores, marinheiros e gente sem ocupação definida. Seu padrão característico era o ‘canto e resposta’, oriundos das canções de trabalho dos escravos do sul da América, além do comentário da vidacotidiana, algo reconhecível até hoje. A mistura de influências musicais, tendo os *blues* como o coração daquela linguagem, deu origem ao *jazz*, que se expandiu enormemente nas primeiras décadas do século XX. Esse nascimento se deu por volta de 1900 (Fridman, 2020, p. 502).

Assim como os repentes e as batalhas de *rap*, o *blues* (raiz do *jazz*) tinha um padrão de canto e resposta, com características originadas das canções de trabalho escravo, mas também com vieses de descrição da vida cotidiana. Temos no *jazz*, em contraposição à música erudita, um questionamento social das raízes da escravidão, como o *rap* o faz com respeito ao questionamento do capitalismo e das hierarquias sociais. É fundamental que construamos, desde o ensino básico, nossos pontos de vista, considerando nossas localizações sociais e espaciais para que compreendamos as estruturas sociais em que somos envolvidos.

Em suma, é importante asseverar que a Sociologia não é um ator neutro dos discursos, mas é parte constituinte das construções sociais. As formas artísticas, bem como sua crítica, são imprescindíveis para a análise social das diferenças. Desse modo, a Sociologia da arte constrói

O USO DAS ARTES COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE EM SOCIOLOGIA

socialmente discursos, mas também a indústria cultural, a academia artística e os movimentos populares o fazem. O uso desses discursos artísticos em sala de aula é elemento fundamental para a construção autônoma da visão de mundo dos estudantes.

Considerações finais

O presente artigo buscou compreender como a arte é utilizada como estratégia de ensino de Sociologia no ensino médio. Dessa forma, foram abordados os desafios do ensino de Sociologia na educação básica, e argumentou-se sobre a recepção dos alunos a esta disciplina, bem como a falta de legitimação e consolidação da Sociologia no currículo escolar. Nesse caso, esses aspectos foram importantes para compreender os desafios do ensino de Sociologia no ensino médio, como eles contribuem para a falta de consolidação da disciplina e como todos esses aspectos impactam a metodologia de ensino com o uso da arte nas aulas de Sociologia. Por outro lado, discutiu-se, também, o uso da arte como um fato social a partir de conceitos bourdieusianos como consagração institucional e popular (Bourdieu, 1996), que contribuíram para compreender-se as diferentes hierarquias à qual a arte foi posta. Nesse sentido, as artes servem a um modelo de discussão sociológica que busca consolidar a disciplina de Sociologia.

Ademais, como foi argumentado anteriormente, a disciplina de Sociologia, ao longo dos anos, vem passando por algumas vicissitudes pelo fato de ainda não ser uma disciplina consolidada na grade curricular do ensino médio, uma vez que a mesma continua na posição de discussões sobre sua importância ou irrelevância. Nesse caso, é importante salientar também a importância de ter na Sociologia professores devidamente formados na área de Ciências Sociais. Portanto, é necessário que haja um maior investimento na formação dos professores de licenciatura em Ciências Sociais para que a Sociologia ganhe mais espaço no ensino médio no sentido de os professores ministrarem a aula utilizando recursos interdisciplinares, como a arte, para explicar fenômenos sociológicos.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BODART, Cristiano das Neves. O uso de letras de músicas nas aulas de Sociologia. **Café com Sociologia – Revista do professor e estudante de Sociologia**, v. 1, ano. 1, nov. 2012. Disponível em: <<http://revistacafecomSociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1>>. Acesso em: 31 Hum Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 4 – 24 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

dez. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp/Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na Sociologia**. Tradução de João Guilherme de Freitas Teixeira. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CASO GEORGE FLOYD: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>>. Acesso em: 07 jan. 2022.

CHICO BUARQUE. **Cálice (Cale-se)**. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1978. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RzlniinsBeY>>. Acesso em 31 dez. 2021.

CHICO BUARQUE. **Geni e o Zepelim**. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1986. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jWHH4MlyXQQ>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

COMIM, André Alvarez Grohe; MOURAD, Leonice Alves Pereira. **O uso da música como um recurso pedagógico para o ensino de ciências sociais no ensino médio**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/2620?show=full>>. Acesso em 31 dez. 2021.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1085-1114, out./dez., 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/xm7bSyCfyKm64zWGNbdy4Gx/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FRIDMAN, Luis Carlos. Theodor Adorno e Eric Hobsbawm sobre o jazz. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 493-512, maio/ago., 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sant/a/Sw43XpPznY4mRHZKcZtbwtj/?lang=pt>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

GESTÃO BOLSONARO na educação é pior da história, diz Priscila Cruz. **UOL Educação**, 2022. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/05/11/priscila-cruz-todos-pela-educacao-gestao-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Hum Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 4 – 24 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

O USO DAS ARTES COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE EM SOCIOLOGIA

HER. Direção de Spike Jonze. Los Angeles/ Xangai: Annapurna Pictures, 2013.

LENNERT, Ana Lucia; LIMA, Letícia Bezerra. O uso das imagens de M. C. Escher para introduzir o conhecimento sociológico. **Perspectiva Sociológica**, n. 10, jul./dez. 2012. Disponível em: < <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/article/view/1398>>. Acesso em: 9 dez. 2020.

MARTINS, Ana Lucia Lucas. Cinema e Ensino de Sociologia: usos de filme em sala de aula. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**, 13., 2007, Recife. Anais eletrônicos...[s.l.]: Revista Brasileira de Sociologia, 2011.

MOLIN, Naiara Dal. O ensino da Sociologia e a Música. In: BRUNETTA, Antonio Alberto (org.) et al. **Dicionário do Ensino de Sociologia**. 1. ed. Maceió: Editora Café com Sociologia 2020.

MOONLIGHT. Direção de Barry Jenkins. Miami: Sony Music Entertainment, 2016.

MOURA, Lisandro Lucas de Lima. Imagem e conhecimento: o uso de recursos didáticos visuais nas aulas de Sociologia. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 12, n. 100, p. 159-182, jan./jul. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2011v12n100p159>>. Acesso em: 31 dez. 2021.

OLIVEIRA, Amurabi. Ensino de Sociologia: desafios epistemológicos para o Ensino Médio. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 119, abr. 2011. Disponível em: < <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/11758>>. Acesso em: 9 dez. 2020.

OLIVEIRA, Kaio Eduardo de Jesus. **Educação e teoria ator-rede: fluxos heterogêneos e conexões híbridas**. Ilhéus: Editus, 2016.

PESQUISA destaca docentes de Sociologia sem formação específica. Universidade Federal do Ceará, 2021. Disponível em: <<https://profsocio.ufc.br/pt/pesquisa-destaca-docentes-de-Sociologia-sem-formacao-especifica/>>. Acesso em: 31 dez. 2021.

PRATA, Maria Regina dos Santos. A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 28, jan./abr. 2005. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wzdqPKjymZgRKYT6hJkdQwy/abstract/?lang=pt> >. Acesso em: 26 dez. 2021.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

RACHETTI, Luiz Gustavo Ferri. **Sociologia e cinema: o uso do audiovisual na aprendizagem de Sociologia no ensino médio**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SANTANA, Ricardo Alexandro de. **Sociologia da arte e os paradoxos do valor estético: uma discussão metodológica**. 2013. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. “Eu odeio/adoro Sociologia”: sentidos que principiam uma prática de ensino. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**, 13., 2007, **Hum Res**, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 4 – 24 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

Recife. Anais eletrônicos... [s.l.]: Revista Brasileira de Sociologia, 2011. p. 1 – 18.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 19. ed. São Paulo: Libertad, 2014.

YASHINISHI, Bruno José. O uso de filmes em aulas de Sociologia. **Perspectiva Sociológica**, [s.l.], n. 25, p. 27-35. 2020. Disponível em: <<https://cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/article/view/2697>>. Acesso em: 31 dez. 2021.